



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
SEMINÁRIO DE LITERATURA COMPARADA
PROFA. DRA. MARIA INES PINHEIRO CARDOSO
DEZEMBRO DE 2019

ILUSTRAÇÕES LITERÁRIAS: a fala das imagens em Dom Quixote de Miguel de Cervantes por Jean Mosnier, Gustave Doré e Salvador Dali.

LITERARY ILLUSTRATIONS: the speech of images in Don Quixote by Miguel de Cervantes produced by Jean Mosnier, Gustave Doré e Salvador Dali.

Alessandra Marinho Bouty¹

Resumo:

O *Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha*, do escritor espanhol Miguel de Cervantes é considerada uma das obras primordiais da literatura moderna. Na narrativa crítica aos romances de cavalaria, Dom Quixote se entrega aos devaneios de uma busca anacrônica por aventuras de um cavaleiro andante. As desventuras do personagem foram ilustradas ao longo de mais de 400 anos por vários artistas que materializaram em imagem, cada um ao seu estilo, a personalidade quixotesca. Neste ensaio, discorre-se à luz de autores como Alberto Manguel, Hans Belting e Ana Beatriz Linardi, sobre a fala das imagens produzidas por Jean Mosnier, Gustave Doré e Salvador Dali, três ilustradores que, por meio de caracterizações e traços distintos, apresentaram o cavaleiro andante para o mundo.

Palavras-chave: Imagem. Ilustração. Dom Quixote.

Abstract:

The Ingenious Nobleman Don Quixote de La Mancha, by the Spanish writer Miguel de Cervantes is considered one of the primordial works of modern literature. In this critical narrative of chivalric novels, Don Quixote dives into a quest for anachronistic adventures of a walking knight. The character's misadventures have been illustrated for over 400 years by various artists who have embodied in their own style the quixotic personality. In this essay, we discuss based in ideas of authors such as Alberto Manguel, Hans Belting and Ana Beatriz Linardi, about the speech of the images produced by Jean Mosnier, Gustave Doré and Salvador Dali, three illustrators who, through their characterization and distinctive features, presented the walking knight to the world.

Keywords: Image. Illustration. Dom Quixote.

¹ Doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, o PPGCOM – UFC, e vinculada ao Grupo de Pesquisa Imago, sob orientação da Profa. Dra. Gabriela Frota Reinaldo. Email: alebouty@hotmail.com.

1. A materialização das imagens do mundo

Desde que se compreende no mundo o homem produz e consome imagens. Sinal de sua existência, passagem e presença nos espaços e ao longo dos tempos; expressão de sentimentos, receios, ideias, percepções, lembranças e dúvidas. Por meio de formas variadas, imagens são manifestas em cores, texturas, linhas e geometrias. Mesmo o espaço vazio entre manchas de texto pode suscitar a impressão de uma imagem.

Aristóteles já afirmava que as imagens eram o próprio pensamento (MANGUEL,2001). Para o Filósofo, seria impossível que a alma, a *anima*, pensasse sem que uma imagem mental fosse formada. Não por acaso, animação é o nome dado às aos desenhos em 2D e modelagens 3D² em movimento. Imagem em movimento é animada, tem alma.

É pelas imagens que o homem primeiramente se expressa e lê o mundo – em alguns métodos de alfabetização, as crianças são, no período prévio à leitura e à escrita formais, apresentadas às marcas comerciais, desenhos, fotografias e figuras do mundo. É por meio dessas visualizações que a linguagem se estrutura. Imagem é representação do mundo. Permeia nosso cotidiano, é informação, expressão, comunicação, arte e narrativa.

Por estarem no mundo, se alimentam de nossas experiências, de tudo o que já vimos, ouvimos e experimentamos e são parte de nossa vivência. Para Hans Belting (2012), historiador da arte e pesquisador da imagem, é o resultado de simbolizações pessoais e coletivas; tudo aquilo que passa pelo olhar ou que esteja no interior da mente e que, pela ação de algum tipo de meio, pode vir a ser exposta ao mundo. Para ser mostrada, vista, percebida, sentida, fruída e compreendida, a imagem precisa de uma materialização, de um meio, um *media* que a conforme. A forma materializa o conteúdo e o torna visível.

É também desde o princípio dos tempos que as formas mais básicas como as linhas e cores compõem as imagens. São as mãos vermelhas de sangue ou barro espalmadas nas paredes das cavernas que primeiro registram a existência de um ser humano. Imagem,

² A animação em 2D é feita a partir de desenhos chamados de planos, ilustrados direta e analogicamente sobre o acetato para a inserção de cada ação de um personagem, para posterior movimento por meio de um “sanduíche” de transparências filmado quadro a quadro. Pode ainda ser produzida digitalmente, sem a impressão de realidade e “fiscalidade” oferecidas pelo processo 3D. Este representa os desenhos feitos com a ilusão da terceira dimensão, a profundidade, a partir das chamadas modelagens realizadas em softwares gráficos de alto desempenho, como o *Maya* e o *3D Studio Max*.

para Alberto Manguel (2001), é presença. As imagens das cavernas representam o momento em que somos “humanos” pela primeira vez. Tal presença é conferida pela materialidade e pela fisicalidade, pela ação dos meios, estruturas, mecanismos e técnicas de produção. Por materialidade, então, compreende-se toda e qualquer forma de tornar tangível uma imagem.

Imagens são criadas a partir de lembranças, recordações, vivências, experiências e crenças de tempos imemoriais somadas a todas as projeções físicas em uma mídia, seja ela uma pintura, escultura, o cinema etc. Às primeiras, que se elaboram dentro do próprio indivíduo, como sonhos, intuições, devaneios, memórias e recordações, Belting (2012) dá o nome de imagens endógenas. Imagens mentais que são alimentadas pelas imagens exógenas, aquelas que se manifestam por uma mídia/meio, que pode ser uma parede, um tecido, uma tela de computador, uma cortina de fumaça – ao mesmo tempo em que as retroalimentam. Mais do que um produto da percepção, as imagens se manifestam como resultado “de uma simbolização pessoal ou coletiva” (BELTING, 2012, p. 14).

A dinâmica entre as imagens endógenas e exógenas compõe o repertório da cultura e é por meio dela que lemos nossa relação com o mundo, uma construção simbólica, em que elementos internos ao produtor de imagens são traduzidos em signos visuais por meio da materialidade e expostos ao espectador. Este, por sua vez as elaborará também em forma de imagens, quer se deem em forma de sonhos, delírios ou uma produção física. Uma das traduções previstas por Roman Jakobson (1995)³, é um processo dinâmico, permanente, profícuo, de transformação entre signos, de tradução entre diferentes linguagens, chamada de Tradução Intersemiótica, ou, para usar um termo caro a Haroldo de Campos (2011), uma Transcrição.

Na transcrição de uma linguagem para outra (literária para ilustração), os elementos que conduzem à materialidade de uma imagem, ou seja, aquilo com o qual são construídas – sua matéria-prima e todos os elementos visuais que a compõem – são, segundo Belting (2012), fatores de intensa expressão e fisicalidade.

La impresión de la imagen que recibimos través del médío almacena la atención que les dedicamos a las imágenes, puesto que un medio no solamente tiene una cualidad físico-técnica, sino también una forma temporal histórica. Nuestra percepción

³ Jakobson (1995) definiu a existência de três tipos de tradução: a tradução intralingual, ou reformulação; a tradução interlingual, ou tradução propriamente dita, entre línguas diferentes e a tradução intersemiótica, ou transmutação, que se configura pela interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais. Esta última dialoga diretamente com a recriação mencionada por Haroldo de Campos e abre as perspectivas da linguagem poética para diferentes meios.

esta sujeta al cambio cultural, a pesar de que, desde los tempos más remotos imaginables, nuestros órganos sensoriales no se han transformado. A este hecho, contribuye de manera determinante la historia medial de las imágenes. De esto se deriva el postulado fundamental de que los medios de las imágenes no son externos a las imágenes⁴. (BELTING, 2012, p. 28)

Nesse sentido, meio e imagem tem igual importância, uma vez que a forma de elaboração de um interfere diretamente na percepção da outra. Os materiais usados para criar uma imagem são eles próprios signos com significados próprios, potencializados a partir de suas combinações com outros signos e contextos semióticos.

A imagem, para ser percebida, ou lida, recebe da mente humana um tratamento diferente do que é dado à leitura das linhas de um texto. As imagens, segundo Vilém Flusser (2007, pag. 131), são superfícies que permitem, por meio de seus símbolos, cores e signos, uma leitura de significados que “pode ser abarcada num único relance de olhar”. O texto, em contrapartida, é uma linha que pretende descrever a superfície das imagens. Nesse, a leitura é linear, progressiva e em corrente, ao passo que, na imagem, a leitura acontece de forma circular e “reversível” (FLUSSER, 2007, pag. 141), propicia a fazer com que os leitores a decodifiquem a partir de seus próprios referenciais, deslocando e realocando as coisas, ideias e conteúdos pelo seu olhar e deixando-se levar pela imaginação. As letras estão no tempo, as imagens no espaço (MANGUEL, 2001; FLUSSER, 2007). Texto e imagem são, portanto, complementares no processo de compreensão de uma narrativa.

2. Ilustração: narrativa em imagens

Necessidade primária do homem, narrar experiências, receios e expectativas é uma forma de se reconhecer no tempo e no espaço. Narrativas são relatos de coisas vividas e experimentadas, atividades linguísticas e simbólicas. É pela narrativa, seja oral, escrita ou imagética que o homem se comunica e se socializa. No aspecto mais simbólico das narrativas – aqueles em que a codificação das mensagens envolve mais que um encadeamento lógico de letras e sentenças em uma língua específica –, é que se encontram

⁴ “A impressão de imagem que recebemos através do meio concentra a atenção que dedicamos às imagens, visto que um meio não somente tem qualidade físico-técnica, mas tem também uma forma temporal histórica. Nossa percepção está sujeita às mudanças culturais, apesar de que, desde os tempos mais remotos imagináveis, nossos órgãos sensoriais não tenham sofrido transformações. Para isso, contribui de maneira determinante a história medial das imagens. Disto deriva o postulado fundamental de que os meios das imagens não são externos a elas”. Tradução livre.

as imagens ou os códigos não verbais que dão base à comunicação (NIKOLAJEVA e SCOTT, 2011).

Ilustrações, do latim *Illustris*, são imagens feitas para tornar um texto ilustre, mais importante, iluminado, ou seja, valorizá-lo. São estruturas imagéticas criadas no interior de livros para dar suporte a um texto ou um discurso, para atrair a atenção, com objetivos específicos de provocar uma relação com um texto que as acompanhe, de caráter literário, descritivo, científico ou artístico. A combinação entre imagens que ilustram e textos a serem ilustrados deve se originar, de alguma forma, de uma relação pré-determinada.

Essencial para a compreensão de uma narrativa ilustrada, a materialidade das imagens é primordial para que a relação com os textos e os significados desejados sejam efetivos. Assim, elementos técnicos e de elaboração dos livros como tipografia, diagramação das páginas, qualidade do papel usado, escolha das tintas e técnicas de impressão, seleção de cores, acabamentos (texturas, vernizes, cortes, colagens e embalagens), formatos, enquadramento das imagens e a própria montagem do livro ilustrado – junção de imagens, quebras entre imagens e textos e mesmo o uso de espaços em branco – são estruturas que conferem materialidade e significado à relação imagem-texto proposta e atendem às necessidades narrativas da obra.

Entre todas as estruturas importantes para a construção de um livro ilustrado, o destaque, certamente, é a produção da imagem ilustrativa, em que além da preocupação semântica (relação imagem-texto), evidencia-se a preocupação plástica. Essa plasticidade acaba por conferir uma materialidade específica que, por sua vez, acarreta a produção de significados marcantes. Tamanha é a atenção à qualidade da materialidade das ilustrações, que, a depender do artista e de seu estilo, “inúmeras produções pictóricas deixam entrever sinais do instrumento (pincel, lâminas, dedos etc.), a marca do gesto [do artista] e os suportes originais (papel, papelão, tela, madeira etc.)” (VAN DER LINDEN, 2011, p. 35), elementos que revelam tanto a plasticidade, quanto a intenção háptica das imagens criadas.

3. A fala das imagens em Dom Quixote – Jean Mosnier, Gustave Doré e Salvador Dali

Vários foram os ilustradores de Dom Quixote, desde a publicação inaugural de sua primeira parte, em 1605, até a esperada edição da segunda parte, dez anos depois. Ainda,

nos dias de hoje, mais de quatrocentos anos após a publicação da obra, é possível encontrar, em vários repositórios de imagens, ilustrações contemporâneas do Engenhoso Fidalgo, nos mais variados estilos gráficos e artísticos. Um dos personagens mais lembrados da literatura ocidental de todos os tempos, Dom Quixote foi retratado pelas mãos de nomes, entre outros, como Jean Mosnier (1600-1636); Charles Coypel (1694-1752); William Hogarth (1697-1794); Honoré Daumier (1808-1879); Gustave Doré (1832-1883); Candido Portinari (1903-1962), Pablo Picasso (1881-1973) e Salvador Dali (1904-1989). Cada artista representou o herói com traços específicos e em seu estilo pessoal. Faz parte dessa elaboração a autoria e a impressão de criações próprias, resultantes da fusão entre imagens endógenas e exógenas de cada ilustrador. Cada imagem representativa de Quixote, é, por ela mesma, uma narrativa.

Assim é que o *Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha* ganhou linhas, cores e contornos os mais variados, sem perder, grande parte das vezes, a aparência esguia e longilínea, consonante com a figura esquelética do cavalo Rocinante, como se um fosse a extensão do outro, e distinta do corpo farto, baixo e pesado do fiel escudeiro Sancho Pança e seu asno de montaria. Personagens complementares em tudo: origens, ideias, inteligência, modos e aparência. Essa caracterização tornou-se célebre pela própria narrativa de Cervantes, que guiou, em sua descrição dos personagens, boa parte dos ilustradores, segundo Mario Vargas Llosa *apud* Linardi (2007), exatamente por ser a escrita de Cervantes uma imagem ela mesma: na sua linguagem viva, colorida, permeada de detalhes e interações com o leitor, incita à uma configuração mental bastante específica das características físicas dos protagonistas.

Jean Mosnier, autor das imagens encomendadas pelo casal de nobres Henri Hurrault e Françoise Chabot de Cherny, que ilustram a edição comemorativa aos quatrocentos anos da publicação da segunda parte de Dom Quixote⁵, conferiu ao cavaleiro, entre 1625 e 1634, uma representatividade quase fotográfica, embora fugisse, em sua interpretação, da imagem que ficou, mais tarde, fortemente associada ao cavaleiro andante. O Quixote de Mosnier é um homem comum, embora sobressaia às figuras ao redor de si pela inusitada armadura.

⁵ ALLEN, John J. **Dom Quixote de La Mancha**. IV Centenario de la segunda parte del Quijote. Edição comemorativa, Madri: Edições Cátedra, 2015.

A solicitação para o trabalho partiu daqueles considerados como os primeiros leitores da segunda parte da narrativa, o conde e a condessa de Cheverny, que queriam as imagens estampadas em sua antessala e sala de jantar (ALLEN, 2015). Era, provavelmente, uma tentativa de identificarem-se com os duques da obra, personagens que hospedam Quixote e Pança na segunda narrativa de suas jornadas. Os traços de Mosnier são românticos, clássicos, como convém às pinturas de interiores da época e adornam as paredes do castelo como tapeçarias em tinta.



FIGURA 1 - O Dom Quixote de Mosnier é um homem comum, sem traços muito distintivos. FONTE: montagem pela autora.

Foi Gustave Doré quem notabilizou os traços mais reconhecidos de Quixote e reproduzidos, ao longo dos séculos, em inúmeras outras narrativas, de charges de folhetins do século XIX a episódios do seriado *Hoje é Dia de Maria* e do *Sítio do Pica-pau Amarelo*, veiculados pela Rede Globo – André Valli, o ator brasileiro que deu vida ao Visconde de Sabugosa, durante os anos 1970 e 80, referendou-se, possivelmente, como o mais quixotesco de todas as representações locais do cavaleiro espanhol⁶. Doré foi um dos mais profícuos ilustradores de obras clássicas (*Inferno*, da *Divina Comédia*, Dante Alighieri; *Paraíso Perdido*, John Milton e *As Fábulas de La Fontaine*, entre outros).

Em uma época – meados de século XIX – em que a gravura em metal era a técnica dominante na arte da ilustração, e esta, por uma questão de regra semântica, seguia

⁶ O próprio autor do *Sítio*, Monteiro Lobato, escreveu *Dom Quixote das Crianças*, adaptação do romance cervantino para o público infantil. A publicação original aconteceu pela Companhia Editora Nacional, em 1936, e a capa ilustrava o personagem ao estilo de Doré.

fielmente os textos, Gustave Doré, que chegou a ser considerado o sucessor de Botticelli quando de sua tradução em imagens do *Inferno* de Dante, conseguiu imprimir sua imagem mental de Quixote e lhe concedeu, para além do teor burlesco e satírico impresso por Cervantes ao personagem, uma elegância que destoava da descrição do autor. Sua interpretação da história do fidalgo, contudo, não convida o leitor a imaginar algo mais que o que é dito na obra: as aventuras e desventuras narradas são desenhadas exatamente como são (LINARDI, 2007).

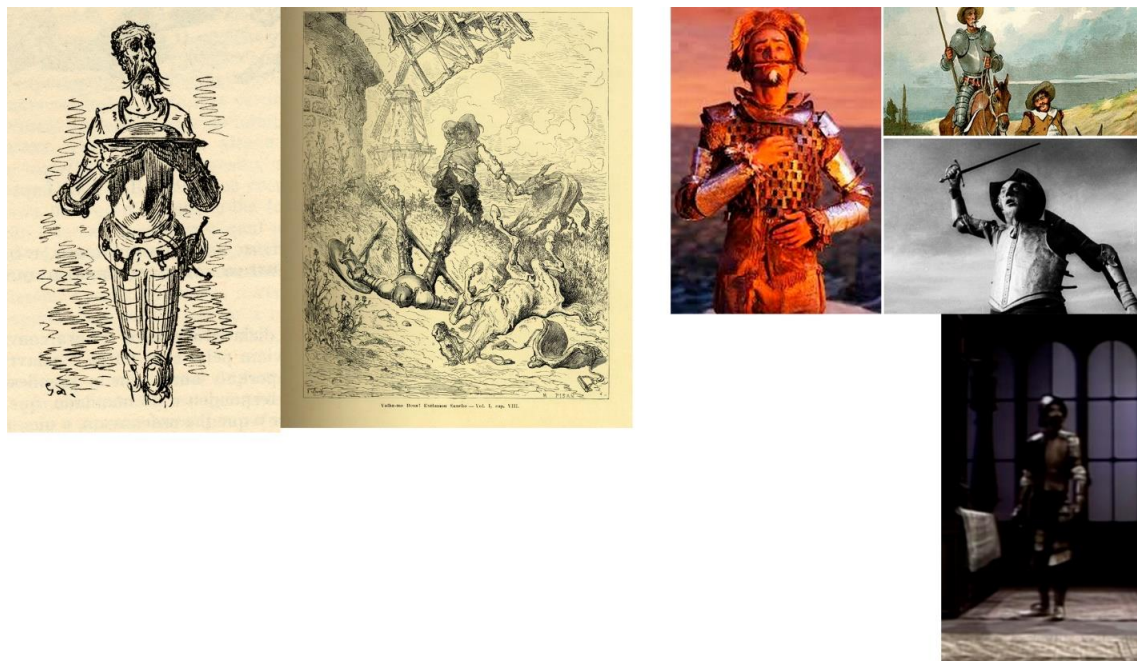


Figura 2 - A materialização de Doré para o personagem repercute ao longo dos séculos. FONTE: montagem pela autora.

Pelas mãos de Salvador Dalí, por outro lado, Dom Quixote, um homem de vida comum e leitor voraz de livros de cavalaria, que assimila em si as bravuras descritas e, com a mente transtornada, parte em andanças para viver as quimeras absorvidas dos textos, parece ter encontrado sua moldura ideal: “no encontro da arte de dois gênios, o mínimo que se espera são moinhos de vento surrealistas” (REVISTA PROSA E VERSO⁷). A permissão para esta tradução é dada pelo próprio Movimento: o Surrealismo traz à tona os enleios oníricos de seus artistas, tendo como principal expoente o artista

⁷ **Raras: as primeiras ilustrações de Salvador Dalí para ‘Dom Quixote de la Mancha’ de Miguel Cervantes.** Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoarte.com/raras-as-primeiras-ilustracoes-de-salvador-dali-para-dom-quixote-de-la-mancha-de-miguel-cervantes/>>. Acesso em: 20 out. 2019.

catalão. As imagens de Dali são em nada representacionais, escorrem pela tela, alongam-se em direção ao céu pintado de cores ocre e encarnadas, fundem-se com outros objetos, gerando novas percepções, traços de pura expressividade subjetiva.

As imagens criadas pelo artista, que se propôs a ilustrar a mesma obra em vários momentos diferentes, não estão compiladas única edição. Assim é que, em 1946, produziu 38 pranchas e, entre 1955 e 1964, cerca de 30 novas pranchas, maioria delas voltadas à segunda parte da narrativa. A medida em que as edições eram publicadas, Dali criava novos desenhos e os incorporava, resultando em uma série de traduções inovadoras e únicas. Fiel à liberdade interpretativa do Surrealismo, liberou os editores, de uma publicação de 1964 para disporem as pranchas na ordem que desejassem. (REVISTA PROSA E VERSO).

Os moinhos de Dali são, efetivamente, gigantes e ora surgem enterrados no arcabouço vazio da mente de Quixote, ora com as pás sustentadas pelos ossos dos inúmeros cavaleiros que derrotaram; os devaneios de Quixote literalmente saem de sua cabeça e se jogam pelo ar; os carneiros das nuvens turbulentas enxergadas pelo personagem são vistos nos cortes feitos por Dali em uma cabeça alongada e esvaziada de madeira (metáfora sutil para a expressão “cabeça de vento”, talvez?); o corpo do cavaleiro se decompõe, como se decompõe sua sanidade, desenhado ao lado de um Sancho entre incrédulo e alheio. O sonho, o delírio e a confusão mental do cavaleiro andante são expressos em Salvador Dali.



FIGURA 3: *Delírios de Quixote-Dali*. FONTE: montagem pela autora.

O grotesco, o burlesco e as interlocuções e jogos meta-narrativos característicos do texto cervantino estão embutidas nos traços “disformes” de Dali, é o sonho dentro do sonho. Assim como no escrito, suas ilustrações dialogam com o mais profundo interior do espectador, puxam-no para a cena e inserem-no no enredo, seja pelo estranhamento das imagens, em que o espectador se vê impelido a decifrar, seja pelo simples apelo visual que apresentam e aguçam o olhar mais curioso.

Para uma narrativa que ressalta no leitor diferentes sentimentos e testa a sua inteligência imaginativa, é na ilustração surrealista de Dali a materialização do pensamento mesmo de Dom Quixote, díspar da realidade e conectado a uma subjetividade única, junção magistral de imagem e delírio: moinhos gigantes que atacam a luta interior do leitor com as suas próprias sensações.

Referências Bibliográficas:

ALLEN, JOHN J. **Dom Quixote de La Mancha**. IV Centenario de la segunda parte del Quijote. Edição comemorativa, Madri: Edições Cátedra, 2015.

BELTING, Hans. **Antropologia de la Imagen**. Buenos Aires: Katz, 2012.

CAMPOS, Haroldo. **Da Transcrição**: poética e semiótica da operação tradutora. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011.

FLUSSER, Vilém. **O Mundo Codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

JAKOBSON, R. **Os aspectos linguísticos da tradução**. 20ª ed. In: Linguística e Comunicação. São Paulo: Cultrix, 1995.

ILUSTRADORES de Quixote na Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://purl.pt/920/1/ilustradores/ilustradores-dali.html>>. Acesso em: 20 out. 2019.

LINARDI, Ana Beatriz. Dom Quixote, Doré e Dalí: as Relações entre Literatura e Pintura. **III Encontro de História da Arte – IFCH / UNICAMP**. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2007/LINARDI,%20Ana%20Beatriz%20de%20Araujo.pdf>> Acesso em: 20 out. 2019.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**. Uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MIGUEL de Cervantes e Don Quijote de la Mancha. IN: GONZÁLEZ, Mario M. **Leituras da Literatura Espanhola**. Belo Horizonte: Letraviva, 2010.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro Ilustrado**. Palavras E Imagens. São Paulo: Cosac & Naify: 2011.

RARAS: as primeiras ilustrações de Salvador Dalí para ‘Dom Quixote de la Mancha’ de Miguel Cervantes. **Revista Prosa, Verso e Arte**. Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoarte.com/raras-as-primeiras-ilustracoes-de-salvador-dali-para-dom-quixote-de-la-mancha-de-miguel-cervantes/>>. Acesso em: 20 out. 2019.

VAN DER LINDEN, Sophie. **Para Ler o Livro Ilustrado**. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.

VIEIRA, Maria Augusta da Costa. Cervantes: Dom Quixote e Sancho Pança – Fragmentos de uma Aprendizagem Deleitosa. **Literatura e Sociedade**. Nº 28p. 10-26. Jul-Dez, 2018